

AFORIZAÇÃO E EFEITO DE MEMÓRIA NO ENUNCIADO “TCHAU, QUERIDA!”

Lígia Mara Boin Menossi de Araújo¹
Luciana Carmona Garcia Manzano²

Resumo: Tendo como fundamentação teórica o efeito de memória de Courtine (2009), a aforização e as pequenas frases de Maingueneau (2014), propusemo-nos a analisar o enunciado *tchau, querida*, que passou a circular nos mais diversos suportes desde o início deste ano. Neste trabalho, nosso material de análise imagético/verbal e não-verbal/icônico é composto por três imagens que trazem a figura de Dilma e Eduardo Cunha acompanhados, respectivamente, do *tchau, querida* e sua variação *tchau, querido*: duas delas circularam em redes sociais e a terceira é a capa da revista Veja de maio de 2016. Partimos da hipótese de que o enunciado em questão seja uma aforização por pequena frase; assim, objetivamos investigar de que maneira ele foi destacado de seu contexto original de produção e submetido ao regime discursivo da aforização, assim como de que modo são interpretados e adquirem outros significados, pois estão inscritos em uma memória discursiva que é trazida interdiscursivamente por meio do todo enunciativo que se compõe do verbo e da visualidade.

Palavras-chave: efeito de memória, aforização, pequena frase, Dilma.

Resumé: Avec la base théorique de l'effet de mémoire de Courtine (2009), l'aphorisme et les petites phrases de Maingueneau (2014), nous avons entrepris d'analyser la déclaration *Tchau, querida*, circulant maintenant dans divers médias depuis le début de cette année. Dans ce travail, notre matériel d'analyse imagétique/verbale et non verbale/iconique se compose de trois images qui apportent l'image de Dilma et Eduardo Cunha accompagné, respectivement, de *Tchau, querida* et sa variation *Tchau, querido*: deux d'entre eux ont circulé dans les réseaux sociaux et le troisième est la couverture de la revue Veja de mai 2016. Notre hypothèse est que la déclaration en question est un aphorisme par petite phrase; donc, nous visons à rechercher la façon dont il a été détaché de son contexte original de production et soumis au régime discursif d'aphorisme, aussi bien la façon dont ils sont interprétés et acquièrent d'autres significations, parce que ils sont inscrits dans une mémoire discursive qui est amené de l'interdiscours à travers d'un tout énonciatif qui se compose du verbe et de la visualité.

Mots-clé : effet de mémoire, aphorisme, petite phrase, Dilma.

Introdução

Nas últimas semanas, o enunciado *tchau, querida* tem sido posto a circular - após ser tornado visível em virtude a votação pelo *impeachment* na Câmara dos Deputados, no dia 16 de abril de 2016 -, nos mais diversos suportes como jornais, revistas impressas e digitais, vídeos, redes sociais; nos mais variados gêneros: editorias de revistas e jornais impressos ou digitais, artigos de opinião, caricaturas;

¹Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSCar e membro do Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais - LEEDIM e do Instituto Mattoso Câmara de Estudos Interdisciplinares da Linguagem, e-mail: ligiamenossi@gmail.com.

² Professora permanente do Programa de Mestrado da UNIFRAN, é membro do grupo de pesquisas LABOR-Laboratório de Discurso Político da UFSCar e do grupo GTEDI - Grupo de Texto e Discurso: Representação, Sentido e Comunicação da UNIFRAN, e-mail: lcgmanzano@gmail.com.

além de abarcar também a forma masculina *tchau, querido*. Assim, a alta ocorrência desse enunciado evidencia que se trata de um fenômeno discursivo que deve ser objeto de reflexão e estudo.

Neste artigo, partimos da hipótese de que o enunciado *tchau, querida* seja uma aforização por pequena frase e, para analisá-lo discursivamente, objetivamos investigar de que maneira ele foi destacado de seu contexto original de produção e submetido ao regime discursivo da aforização. Para isso, empreendemos um caminho teórico-metodológico que pretende colocar em diálogo duas tendências de estudos discursivos (BARONAS, 2013): a historicista, com as reflexões de Jean-Jacque Courtine acerca do efeito de memória, e a enunciativa, com as teorizações de Dominique Maingueneau sobre aforização.

Na primeira parte, trouxemos uma breve exposição teórica sobre o efeito de memória na construção, perpetuação e reatualização dos enunciados; na sequência, realizamos uma breve explanação sobre o modo como os enunciados são destextualizados e submetidos ao regime discursivo da aforização e pequena frase podendo tomar proporções de uma panaforização. Nossa análise estará no segundo momento do texto: nosso corpus é composto por imagens que carregam um discurso imagético/verbal e não-verbal/icônico do enunciado *tchau, querida* em diferentes suportes midiáticos, nosso recorte temporal é o primeiro semestre de 2016, mais especificamente de março a maio.

Memória discursiva e efeito de memória no discurso político

O discurso político é um *lugar de memória*: alguns enunciados (re)aparecem ou desaparecem em determinado(s) momento(s) histórico(s) e outros são repetidos ininterruptamente. Isso confere à política um poder, na medida em que funda uma possibilidade de se exprimir, de abrir um direito à fala e de possuir um valor de proposição eficaz (alguns discursos precisam ser lembrados, repetidos, num trajeto complexo em que se veem formações discursivas que se transformam, se entrecortam, se escondem, ressurgem posteriormente, ou se diluem, deslizam ou desaparecem). A memória alça o discurso à condição de patrimônio verbal de uma classe a partir do passado e do coletivo que a ampara:

Se o discurso é um lugar de memória, é porque ele traz o vestígio [...] das flutuações e das contingências de uma estratégia; a impressão sedimentada de uma história, de suas continuidades e de suas rupturas. (COURTINE, [1981] 2006, p. 92).

Um discurso se produz a partir de uma relação entre o dito e o já dito, entre o enunciado e sua relação com o texto primeiro, que fala antes e em outro lugar: o discurso se produz, pois, em sua relação com o interdiscurso. Compreender o interdiscurso é compreender que os discursos partem de um já dito e refletem em

um outro dito posterior, porque estão em cadeia. Assim, em todo discurso se fazem presentes discursos anteriores a ele, que se significam e se ressignificam. A memória discursiva permitirá – dentro de uma formação discursiva – o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados que pertencem a formações discursivas posicionadas historicamente. Partindo dessa questão, é significativo buscar o interdiscurso dentro do discurso da “situação” e da “oposição” no campo do discurso político e verificar os modos de funcionamento (que fazem lembrar e esquecer) e de existência material dessa memória discursiva.

O conceito de memória discursiva de Courtine se constrói a partir da reflexão arqueológica de Michel Foucault, que busca apreender o discurso em sua extensão de acontecimento discursivo, considerando o enunciado em sua articulação entre singularidade e repetição. A singularidade do enunciado se inscreve em sua irrupção histórica, sua unicidade como acontecimento “que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” ([1986] 2000, p. 32). Por outro lado, sua repetição se instaura a partir da consideração de que a emergência de um enunciado pressupõe jogos de relações com outros enunciados, e é necessário descrever os jogos de relações entre eles, numa tensão dialética singularidade/repetição: “de um lado, ele [o enunciado] é um gesto; de outro, liga-se a uma memória, tem uma materialidade; é único mas está aberto à repetição e se liga ao passado e ao futuro” (FOUCAULT, [1986] 2000, p. 32).

O discurso político da atualidade, compreendido como espetáculo, baseia-se em uma memória de curta duração, vale-se de formulações concisas que apresentam uma regularidade, de modalidades enunciativas personalizadas e constrói uma identidade para o indivíduo político que o localiza em uma esfera pertencente ao íntimo. Assim, as estratégias enunciativas desse jogo espetacularizado funcionam como manutenção das representações depreciativas atribuídas à figura do homem político, que se cristalizam no imaginário social como *lugares de memória* e promovem o irrompimento de enunciados como “todo político é ladrão/corrupto”, “todo político é mentiroso” etc, que circulam em diversos domínios da sociedade, inclusive, na mídia. Esses *lugares de memória* decorrem tanto do funcionamento do próprio universo político e do contexto histórico nacional quanto da mesma mídia que diz sobre o discurso político.

Os enunciados (assim como a materialidade visual que os acompanha, no caso do material de análise deste artigo), inseridos no campo discursivo, ao serem *formulados* e postos em circulação, correspondem a um *domínio de memória* de onde se extraem outras formulações com as quais a primeira formará uma série, um conjunto de regularidades (COURTINE, [1981] 2009). No caso de nossa análise, as regularidades no modo como se apresenta o enunciado *Tchau, querida!* – e sua retomada *Tchau, querido* –, acompanhados da imagem dos indivíduos políticos,

instauram esse domínio de memória de onde se constitui o efeito de sentido da intimidade, pertencente à *existência histórica* desse enunciado inserido nas práticas discursivas das relações sociais. É na formação do enunciado da intimidade que se forma o saber institucionalizado socialmente, saber que postula que na intimidade nos é permitido fazer mais e dizer diferentemente.

Esses *lugares de memória* dão corpo à noção de *memória discursiva*, que funciona no *interdiscurso* e dá sentido ao dizer. A *memória discursiva*, de acordo com Courtine ([1981] 2009), estabelece ao enunciado uma *existência histórica*. Na formação dos enunciados se constitui o saber próprio de uma formação discursiva, por isso eles são tomados no *tempo longo de uma memória* (o interdiscurso), e as formulações, inscritas no *intradiscurso*, intervêm no *tempo curto da atualidade de uma enunciação*. Assim, é na relação entre inter e intradiscurso que a memória irrompe na atualidade do acontecimento. Para Courtine ([1981] 2009), o interdiscurso funciona como uma reconfiguração ininterrupta na qual determinado saber incorpora elementos pré-construídos outros, exteriores ou interiores a seu campo discursivo, retomando, repetindo, transformando, apagando ou silenciando-os. Esse interdiscurso opera uma memória discursiva, que se materializa a partir do que e de como nos lembramos de determinados elementos que se mostram no interior de práticas verbais e não-verbais, e permite a circulação e a articulação entre um enunciado e sua formulação. É a partir dessa repetição de elementos que encontramos os *efeitos de memória* imbricados na circulação do discurso.

Segundo Pêcheux, a memória é “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 51). Além disso, ela reaviva os *pré-construídos* que são *indispensáveis* para a leitura de um texto (PÊCHEUX, 1983, *apud* FONSECA-SILVA, 2007, p. 24).

A memória, segundo Halbwachs (1950 *apud* FONSECA-SILVA, 2007), é construída socialmente e depende da linguagem. Para Courtine (1994), ela é social, coletiva, e constituída na relação entre a linguagem e a história. Portanto, ela (re)significa a partir dos significados constituídos historicamente nas práticas sociais, e (re)atualiza o passado segundo a posição que um indivíduo ocupa em determinado grupo social (família, escola, religião etc.)

No que concerne à imagem, Davallon postula que ela funciona como um operador da memória social, porque traz em si mesma a constituição de objetos culturais: “os objetos culturais abrem a possibilidade de um controle da memória social (DAVALLON, 1999, p.27). Na relação homológica presente no discurso político do HGPE, a imagem funciona como um *disparador* que abre a possibilidade de uma relação direta da imagem como representação da realidade. E é como representação de uma *realidade* que ela produz sentido, e pode “conservar a força das relações

sociais” (DAVALLON, 1999, p. 27), pois ela é, concretamente, uma produção cultural e, conseqüentemente, um *símbolo eficaz*.

[...] se a imagem define posições de leitor abstrato que o espectador concreto é convidado a vir ocupar a fim de poder dar sentido ao que ele tem sob os olhos, isso vai permitir criar, de uma certa maneira, uma comunidade – um acordo – de olhares: tudo se passa então como se a imagem colocasse no horizonte de sua percepção a presença de outros espectadores possíveis tendo o mesmo ponto de vista (DAVALLON, 1999, p.31).

As regularidades enunciativas e imagéticas têm suas condições de existência reguladas pelas práticas sócio-culturais que constroem historicamente determinados sentidos no domínio de memória discursiva que indicam, disseminam, cristalizam e autenticam “modos de pensar” (FONSECA-SILVA, 2007, p. 33) que operam na sociedade. Essas práticas se inscrevem em diversos outros domínios de saber e deslizam para o campo político, de onde continuam produzindo efeitos de memória que poderão ser objeto de discursos futuros.

Assim, esse todo significativo se inscreve na memória discursiva porque entra em uma rede de significados que circunda certos domínios de saber ao proporcionar deslocamentos, repetições, apagamentos, esquecimentos, retomadas, atualizações e transformações. Tudo isso pode se dar por meio do destacamento de enunciados de seus textos e contextos originais, enunciados esses que ao serem destextualizados e colocados a circular são interpretados – como veremos mais acuradamente no tópico seguinte –, adquirem outros significados, pois estão inscritos em uma memória discursiva que é trazida interdiscursivamente por meio do todo enunciativo que se compõe do verbo e da visualidade.

Enunciação aforizante por pequena frase

Os trabalhos mais atuais de Dominique Maingueneau (2014) buscam compreender a disseminação e a circulação dos textos na sociedade, estejam eles fragmentados, adaptados, traduzidos, eles têm como objetivo entender porque, de um texto integral, apenas algumas partes circulam, tais como: começos, finais, pequenas frases, pontos culminantes. Para isso, Maingueneau (2010, p.9) afirma que "poucas pessoas hoje contestariam a ideia de que o texto constitui a única realizada empírica com a qual o linguista lida", unidades como a palavra ou a frase são necessariamente retiradas do textos que são a contraparte do gênero do discurso, ou seja, o gênero seria o quadro para toda comunicação possível, esses gêneros do discurso a que se refere o estudioso são as atividades como o debate televisivo, o sermão, o registro de um nascimento, etc.

Nesse sentido, os enunciados de curta extensão que se apresentam como fora do texto e que são, na maioria das vezes, constituídos por uma frase, os

chamados enunciados destacados, podem ser de diferentes tipos: slogans, máximas, provérbios, títulos de artigos da imprensa, citações célebres. Em suma, é preciso distinguir duas classes bem diferentes a partir de seu destacamento: a) o destacamento constitutivo como as fórmulas, provérbios, slogans que são independentes de um texto particular; b) destacamento como resultado de uma extração de um fragmento de texto.

Podemos dizer que o destacamento constitutivo pode acontecer quando alguns enunciados já estão "prontos", saltam aos olhos dos leitores e podem ser postos a circular, nos mais diferentes suportes e campos e, por isso, adquirem, muitas vezes, o caráter de slogan ou fórmula. Já o destacamento por extração salienta um pequeno enunciado de um texto maior e, ao mesmo tempo, realiza um trabalho de interpretação desse enunciado, movimento que Maingueneau chama de sobreasseveração. O enunciador sobreassevera alguns enunciados e os apresenta como destacáveis, ou seja, aquele trecho é colocado como candidato a destextualização por meio de marcadores de diversas ordens: "de ordem aspectual (genericidade), tipográfica (posição de destaque), prosódica (insistência), sintática (construção de forma pregnante), semântica (recurso ao tropos), lexical (conectores de reformulação)" (MAINGUENEAU, 2010, p. 12).

A sobreasseveração distingue-se da aforização, pois cada uma funciona segundo uma lógica própria, isto porque em um trabalho de distinção teórico cuidadoso, Maingueneau (2006) afirma que a sobreasseveração se dá no texto, uma sequência é posta em relevo contra um fundo textual, já a aforização destaca os enunciados do texto e os coloca a circular fora dele, em outras cenas enunciativas; por isso, a aforização pode atribuir outro significado a citação, ela não representa a voz do Outro, mas apresenta a Verdade, a Lei, produzida por meio do contato com uma Fonte Transcendente, praticamente como sua representante.

O enunciado destacado e o enunciado fonte divergem quanto ao seu estatuto pragmático, isto porque os enunciados destacados estão sujeitos ao regime de enunciação denominado *enunciação aforizante*, entre uma aforização e um texto não haveria uma diferença de tamanho, de forma, mas de ordem enunciativa. Para exemplificar as duas ordens enunciativas, temos o esquema proposto por Maingueneau:

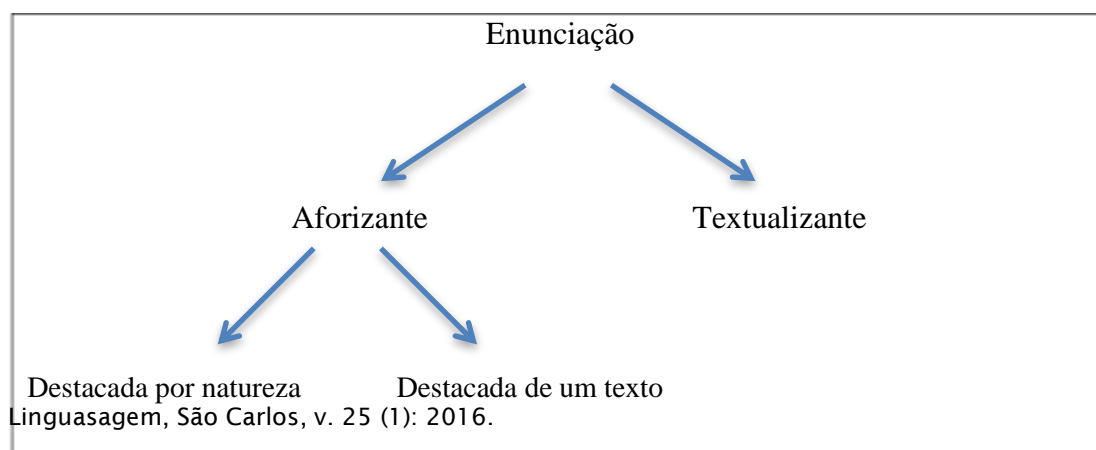


Figura 1: Esquema das ordens enunciativas (MAINGUENEAU, 2010, p. 13)

A enunciação, então, pode ser sistematizada em duas ordens do enunciável: a textualizante e a aforizante, sendo a última destacada por natureza ou destacada de um texto. A enunciação textualizante determina posições correlativas de produção e recepção, papéis específicos para o enunciador e o enunciatário estabelecidos de acordo com a cena genérica, isso implica que a enunciação textualizante varia segundo os gêneros suportes e modo de circulação. Ademais, ela está envolta por jogos de linguagem de diferentes ordens como argumentar, narrar, perguntar etc., mas, não se prende a dimensão propriamente verbal e, desse modo, desfavorece a sua memorização, seria necessário memorizar o texto todo já que não é próprio da enunciação textualizante significar sem o seu texto original.

Já na enunciação aforizante a fala é viva, ela permite que se atualize o "memorável", isto porque a repetição e a retomada lhe são constitutivas. Ela não exige uma cena de fala na qual dois protagonistas, em um mesmo plano, interagem como na enunciação textualizante; há posições correlativas que definem uma cena, entretanto, o locutor, Sujeito jurídico e moral, fala a uma espécie de auditório universal. Assim, enunciação aforizante não se prende a jogos de linguagem, ela apresenta o pensamento do locutor como a verdade soberana e, assim, pretende ser uma fala pura sem determinação de gênero e modo de circulação o que implica sua repetibilidade.

Desse modo, o sujeito aforizador se coloca aquém e além dos limites de um gênero do discurso, segundo Maingueneau:

O "aforizador" assume o ethos do locutor que fala do alto, de um indivíduo em contato com uma Fonte transcendente, ele não se endereça a um interlocutor colocado no mesmo plano que ele e que pode responder, mas a um auditório universal. Ele é instado a enunciar a sua verdade, que prescinde de toda a negociação, exprimindo uma totalidade vivida: seja uma doutrina ou um acerta concepção de existência (MAINGUENEAU, 2010, p. 14).

Toda aforização também perpassa uma textualização, porém o ponto central é que a textualização implica uma encenação construída por um locutor ou um citador, já a aforização permite a existência de outro regime enunciativo, aquele em que os sujeitos não são somente locutores, mas sujeitos plenos de direitos, há a expressão de uma interioridade, e talvez possamos pensar em uma memória, que faz com que o texto seja o que constitui a aforização e ao mesmo tempo o que ele contesta a todo momento. Com efeito, o aforizador não é um locutor, ele é produto

de um destacamento, ou seja, ele não provém de uma instância enunciativa tal como locutor/alocutário ou enunciador/enunciatário, ele é uma instância *supraenunciativa* que está em contato com uma fonte Transcendente – já que se pretende a verdade. Portanto, podemos pensar que ao se produzir uma aforização, o locutor torna-se aforizador.

Em virtude da configuração midiática atual em que os destacamentos são feitos e a aforizações são postas rapidamente a circular na mídia impressa, no rádio, na televisão, na internet, etc., Maingueneau afirma que essas aforizações são tomadas em um processo pandêmico, haja vista que em poucas horas podemos ver em todas as mídias e com uma frequência elevada a aforização no título de uma reportagem, no cartaz de um protesto, em um post em redes sociais, *hashtags*, tema de debate televisivo, título de vídeos no YouTube. Para tanto, Maingueneau denomina essa dinâmica como um *panaforização* que combinaria *pan* de pandemia com aforização. A panaforização mobiliza debates em todas as instâncias midiáticas e, em virtude da interconexão generalizada dos suportes de informação, não é possível medir seu impacto social, cognitivo e político, isso porque a panaforização é capaz de impregnar o espaço midiático em pouco tempo se impondo como um objeto de discurso que não se pode deixar de falar (MAINGUENEAU, 2014, p.100 e 101).

A ligação estreita e imediata da mídia impressa, do rádio, da televisão, da internet e da telefonia móvel possibilitam o destacamento e a circulação de aforizações e/ou panaforizações, o que implica que – além do processo de destacamento sofrido que pressupõe uma interpretação – seu sentido esteja disponível aos investimentos mais variados como podemos observar com o fenômenos das pequenas frases produzidos pelos jornalistas contemporâneos. A pequena frase é um termo coproduzido por uma determinada comunidade particular como os profissionais da mídia, especialistas em comunicação e atores políticos, esses grupos consideram que a pequena frase já esteja lá, no discurso político, pronta para que a reconheçam e esses grupos, movidos por interesses próprios, destacam essa pequena frase e atribuem a ela a autonomia de uma aforização que, muitas vezes, torna-se uma panaforização (MAINGUENEAU, 2014). Alice Krieg-Planque tece um estudo apurado sobre as pequenas frases e dentre suas inúmeras contribuições ela afirma que:

Essa atração da mídia pelas pequenas frases corresponde a sua evolução geral, que tende para os formatos mais curtos (artigos mais breves, pequenos quadros de todos os gêneros...) e para diagramações mais fragmentadas. Ela convém igualmente às mudanças no trabalho dos jornalistas, que dispõem cada vez de menos tempo: é mais fácil e rápido reproduzir uma expressão marcante em um discurso que ler um discurso inteiro e fazer um resumo. De modo involuntário, políticos e jornalistas incentivam uns

aos outros a porem em circulação “pequenas frases” (KRIEG-PLANQUE, 2006 apud MAINGUENEAU, 2014, p.103).

A produção dessas *pequenas frases* participa, de fato, destas ações de dissimulações e de colocação em visibilidade, sejam elas de uma visibilidade de proposta que não eram destinada a ser, ou colocação de uma proposta em visibilidade de que estava destinada a ser notada. Neste quadro, os jornalistas e mais amplamente os meios de comunicação fazem, da parte dos políticos e dos comunicadores, o objeto de um jogo de instrumentalização complexo para passar as mensagens. Para cada um desses dois grupos de atores que são os políticos e os comunicadores, a produção de *pequenas frases* se inscreve num campo de saber-fazer e de práticas indefinidas. Do lado dos comunicadores, a produção de *pequenas frases* se integra em uma atividade profissional mais ampla e sobressai amplamente não só a comunicação das personalidades políticas, mas também a comunicação política.

Tchau, querida: uma pequena frase memorável

No dia 16 de março de 2016, o juiz Sérgio Moro quebrou o sigilo das ligações telefônicas do ex-presidente Lula recém-nomeado como ministro chefe da Casa Civil. Entre as ligações, há uma conversa em que a presidente Dilma Rousseff diz que enviará o termo de posse a Lula e este, ao se despedir, profere o enunciado: *Tchau, querida!* Observemos a transcrição do diálogo de um minuto e 35 segundos:

Dilma: Alô.

Lula: Alô.

Dilma: Lula, deixa eu te falar uma coisa.

Lula: Fala querida.

Dilma: Seguinte, eu tô mandando o “Bessias” junto com o papel pra gente ter ele, e só usa em caso de necessidade, que é o termo de posse, tá?!

Lula: “Uhum”. Tá bom, tá bom.

Dilma: Só isso, você espera aí que ele tá indo aí.

Lula: Tá bom, eu tô aqui, eu fico aguardando.

Dilma: Tá?!

Lula: Tá bom.

Dilma: Tchau.

Lula: Tchau, querida.

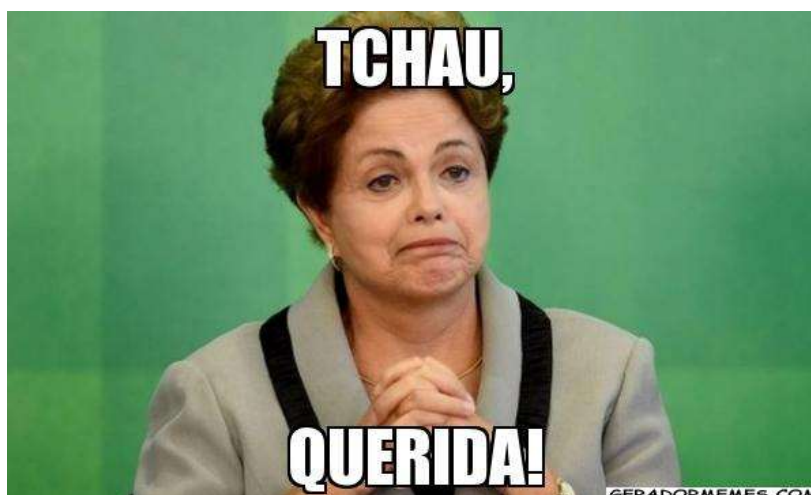


Figura 2: Enunciado “Tchau querida” de circulação em redes sociais.

Na figura acima, podemos observar que o enunciado *tchau, querida* foi destacado do contexto situacional e colocado como legenda da foto na qual observamos Dilma com traços de tristeza, acreditamos que tal destaque tenha acontecido para transformar a fala de Lula em uma enunciação aforizante por pequena frase. Observamos que esse processo de destacamento do enunciado *tchau, querida* se dê por meio de uma aforização porque, ao ser trazida para circular em inúmeros suportes, destacada e colada junto a outras imagens, ela adquire um sentido novo, diferente daquele em que Lula, em uma conversa amistosa, se despede de Dilma. Nas figuras 2, 3 e 4 o sentido é outro, haja vista que o leitor é interpelado a atribuir a esse enunciado um sentido que extrapola seu sentido primeiro, ele é levado a um conjunto de interpretações que justifiquem a pertinência desse destacamento, uma possibilidade interpretativa está calcada no uso da ironia já que o enunciado fonte é a despedida de dois atores políticos que estariam em um diálogo amistoso e ele, então, é retomada por aqueles que são a favor do impeachment de Dilma Rousseff que aparece triste na imagem para conduzir ainda mais o sentido de que realmente ela está deixando a presidência.

A retomada e a repetição do enunciado apresenta o pensamento do seu locutor como uma verdade soberana, ou seja, a presidente deve sofrer um impeachment e devemos nos despedir, porém o *Tchau* vem acompanhado do irônico *querida* que semanticamente pode ser tomada como um tratamento para alguém que se tem muito apreço e, no caso, o que se pretende é que Dilma deixe o cargo político o mais rápido possível. Nesse sentido, seus aforizadores falam do alto, como se tivessem anunciado uma verdade única e irrefutável – Dilma sai do governo –, verdade essa que refuta a todo momento o texto fonte, o diálogo entre Dilma e Lula que tem como tema o ministério da casa civil atribuído a Lula e como pano de fundo a permanência da presidente no poder.

Partindo da ideia de que seus aforizadores sejam de um grupo em específico – como os profissionais da mídia, especialistas em comunicação e atores políticos da oposição –, pensamos que essa aforização tenha características de uma pequena frase, pois, foi posta a circular por meios de comunicação de ampla visibilidade, como se ela já estivesse pronta para ser reconhecida e esses grupos ao destacarem atribuem a ela uma autonomia movida por interesses desse mesmo grupo, o que se pretende é dar visibilidade a mensagem principal.



Figura 3: Enunciado *Tchau, querida, Tchau, querido* publicado na capa da revista *Veja* do dia 07 de maio de 2016. Fonte: veja.abril.com.br

As figuras acima (2, 3 e 4), nos permitem afirmar que “tchau, querida” foi tomado em um processo de tipo pandêmico, pois em um curto período de tempo, vimos circular em todas as mídias e redes sociais, como uma frequência muito elevada e com estatutos muito diversos: cartazes de manifestações/protestos, posts em redes sociais, jornais, revistas, blogs, videomontagens no YouTube, ela realmente impregnou todas as instâncias discursivas. Assim, passou a circular como uma fala absoluta na qual a oposição pede que Dilma saia do governo, além de tomar ampla circulação nos mais diversos suportes midiáticos, também é retomada em momento seguinte como uma despedida para o presidente da câmara Eduardo Cunha ao ser retirado do cargo. A imagem selecionada (figura 4) mostra Cunha com o rosto de tristeza, decepção por ter sido destituído do cargo, a junção verbal e não-verbal, como um enunciado sincrético, conduzem a interpretação de despedida do

cargo, mas, diferente de Dilma, ela passa a circular somente após a saída de Cunha do governo.



Figura 4: Enunciado *Tchau, querido* veiculado no site do deputado Luiz Couto. Fonte: <http://www.luizcouto.com/noticias/3524.html>

A partir do recorte das ocorrências do enunciado *Tchau, querida* e sua variação masculina *Tchau, querido* em um enunciado aforizante sincrético, constituído de verbo e imagem, é possível observar que todas as ocorrências trazem visualmente a representação de um indivíduo com expressões faciais tristes e/ou sérias.

Pode-se observar que a relação entre o enunciado que trazemos para análise e seu texto primeiro – diálogo entre Dilma e Lula – estabelece-se no âmbito das relações privadas, pessoais, entre sujeitos que conservam um nível tal de intimidade. Desse modo, observamos que há um deslizamento entre campos discursivos: o enunciado próprio de uma prática social privada desliza para o campo do discurso político. É possível localizar mais especificamente a instauração desse deslizamento entre campos discursivos quando o enunciado *tchau, querida* passa a ser uma aforização por pequena frase já que é destacado e posto a circular pelo trabalho de um grupo específico que, no caso, supomos ser, o grupo partidário da oposição ao governo.

Portanto, passa a circular mais amplamente após a circulação do material auditivo de uma ligação telefônica, grampeada pela justiça e liberada para a mídia, em que Lula e Dilma conversam sobre os desdobramentos da condução coercitiva de Lula para depoimento na chamada Operação Lava Jato. O enunciado, enquanto despedida trivial de dois sujeitos que mantêm entre si uma relação próxima e privada, abre um domínio de memória a partir das condições de produção e de circulação que instaura um feixe de relações e condições de enunciabilidade para a circulação do enunciado aforizante objeto de nosso estudo.

A produção do enunciado em um contexto privado é colocada em circulação por um procedimento judicial, sigiloso e confidencial em primeira instância, que ao circular por um suporte de grande alcance, como a mídia televisiva, denuncia - por sua constituição enquanto prova criminal - um delito: essa é a finalidade do grampo telefônico. Desse modo, a representação dos sujeitos do diálogo telefônico grampeado é construída, imediatamente, como criminosos - o que reforça e perpetua o imaginário social sobre o sujeito político mentiroso.

O deslizamento do enunciado de um campo discursivo privado para o campo do discurso político instaura uma discursividade que, ao mesmo tempo em que reforça o imaginário social sobre o sujeito político, desqualifica-o enquanto tal, por um processo que se assemelha à prática discursiva do campo discursivo íntimo. A esfera íntima das relações interpessoais é o lugar de confiança, mas também é o lugar para onde se lançam os insultos e se desqualificam os inimigos (como podemos perceber em nossa cultura o uso do insulto “filho da mãe” e suas variantes). É a partir dessa desqualificação e do estabelecimento de um novo regime de discursividade que o irrompimento deste enunciado dentro do discurso político abre um novo domínio de memória para a variação *tchau, querido* (figura 3 e 4). Desse modo, o efeito de memória é construído, considerando-se o deslizamento entre os campos discursivos, na instauração da discursividade que desqualifica o sujeito político, tornando-o texto primeiro que entra no jogo de relações interdiscursivas com os enunciados posteriores, como, neste caso, a variação *Tchau, querido*.

Considerações Finais

Ao colocar em diálogo o efeito de memória e a pequena frase, foi possível observar que o enunciado aforizante por pequena frase teria como ferramenta de disseminação o efeito de memória, ou seja, se vistos funcionando em conjunto a memória contribui para uma prática de retomada do discurso que é posto a circular em diversas modalidades de reapropriação. Assim, a memória confere à pequena frase propriedades semânticas e formais bem definidas (KRIEG-PLANQUE, 2011) e, muitas vezes, impõe a ela a notabilidade de um evento.

Em suma, foi possível observar, ao longo da exposição do artigo, que a memória é construída socialmente, coletivamente e em uma relação que implica sempre um movimento entre a linguagem e a história. Inserida na história, a aforização *Tchau, querida*, mais do que a expressão *Tchau, querido* - já que a variação masculina é formulada posteriormente à circulação do *tchau, querida* produzida pelo deslizamento do campo discursivo das relações interpessoais e de intimidade para o campo do discurso político, instaura uma discursividade agressiva

ao sujeito político chefe de Estado que forja uma memória e produz efeitos a partir dessa formulação, já que, com o deslizamento entre campos discursivos, a relação com o texto primeiro é reatualizada. Esse efeito de memória, ainda que possa ser retomado pela variação masculina, implica e reforça, sobretudo, práticas misóginas que acompanharam grande parte do percurso mandatário da presidenta enquanto sujeito feminino. A desqualificação que se constrói discursivamente se instaura, sobretudo, a partir de sua condição de mulher.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J.-J. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. (Trad. de Nilton Milanez, Carlos Piovezani). São Carlos: Claraluz, 2006.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. [1981] Tradução de Cristina Birck et al. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 23-32.

FONSECA-SILVA, M. C. Mídia e lugares de memória discursiva. In: _____, POSSENTI, S. (Org.). **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. p. 11-38.

FOUCAULT, Michel. (1986) **Arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

KRIEG-PLANQUE, A. Le “petites phrases”: un objet pour l’analyse des discours politiques et médiatiques. **Revue Communication et Langages**, no. 168. Paris, Necplus, 2011. p. 23-41

MAINGUENEAU, D. Aforização: enunciados sem texto? Trad. Ana Raquel Motta. In: _____. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Organização: Maria Cecília Souza-e-Silva, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010. p. 9-24.

_____. **Cenas da Enunciação**. Curitiba: Criar, 2006.

_____. **Frases sem texto**. Trad. Sírio Possenti. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-58.

Recebido em: 10/04/2016. Aceito em 20/05/2016.